

A CONTRIBUIÇÃO DO PEQUENO CORPUS NA COMPREENSÃO DOS FATOS DA ATUALIDADE

Sophie MOIRAND¹

Tradutor/a:
Fernando Curti GIBIN²
Julia Lourenço COSTA³

Resumo

A autora exemplifica a noção de pequeno corpus a partir de exemplos de corpus coletados “ao voo”, para mostrar o interesse em capturar as primeiras tentativas de designar um acontecimento, enquanto ele surge na atualidade midiática (em 1.) Vários pequenos corpus⁴, reunidos no fio dos instantes discursivos que se inscrevem no tratamento da crise dos migrantes na Europa, tornam possível trazer à luz o perfil semântico de palavras representativas dessa crise a partir do rastreamento das construções sintáticas e das palavras associadas a elas no discurso no contexto sociopolítico de 2015 a 2016 (em 2.). O que possibilita identificar um novo pequeno corpus, transversal aos anteriores, em torno da inscrição de uma emoção, o medo, tal como é representado no tratamento midiático dessa crise (em 3.).

Palavras-chave: cotextos, emoção, instante discursivo, perfil semântico, palavras associadas.

Se o apelo aos “pequenos corpus” se mostra uma prática frequente, no que se refere aos primeiros dados exploratórios, a fim de construir o grande corpus de dados, conforme a prática da linguística “equipada”, eles tornam-se o único recurso que temos quando pensamos na maneira de dizer e de pensar a atualidade e quando queremos lidar com a colocação em palavras dos fatos do mundo “no instante mesmo em que são registrados”. Assim, os canais de notícias, a imprensa on-line e a imprensa diária

¹ Professora na Université Paris III - Sorbonne-Nouvelle. Fundadora do CEDISCOR (Centro de pesquisa sobre discursos ordinários e especializados)

² Doutorando em Linguística na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: fernandocurti@hotmail.com

³ Pós-Doutoranda na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), bolsita FAPESP (2017/12792-0). E-mail: juliajlc@gmail.com

⁴ Verificamos que uso de *corpora* para designar o plural de *corpus* está progressivamente caindo em desuso, sobretudo no contexto francês. A autora opta por usar apenas *corpus*, tanto para o singular quanto para o plural, portanto mantivemos sua escolha nesta tradução.

trabalham na "tirania do instante" e sob a pressão do acontecimento, que *ocorre, surge, chega* e perturba a agenda editorial. Trabalhar na instância do acontecimento, sobre a maneira de dizer a atualidade, conduz à coleta de pequenos corpus (que não confundimos com os corpus exploratórios - ver adiante) em torno do que chamei de *instantes discursivos* (para distinguir da noção de "momento discursivo"⁵, que propus evitar a palavra acontecimento) em trabalhos anteriores (MOIRAND, 2004, 2007).

Os "pequenos corpus" permitem apreender a instabilidade de uma primeira designação, ver o momento em que várias designações competem⁶, uma fase mais ou menos longa antes de que o nome do acontecimento se estabilize (MOIRAND; REBOUL TOURÉ, 2015). Se os trabalhos sobre os "pequenos corpus" perduram, apesar das facilidades oferecidas pela digitalização e pelos softwares atuais de processamento de dados para coletar e processar "grandes corpus", é porque eles possibilitam descrever as formas discursivas, raras ou não estabilizadas ainda, refletir sobre os conceitos e noções envolvidas nessa análise, bem como sobre as relações entre a linguagem verbal e o mundo (o ambiente, os objetos, os atores e suas ações - PAVEAU, 2012). Neste artigo, são tratados principalmente pequenos corpus de atualidades na imprensa (5.000 a 30.000 palavras), os quais permitem descobrir maneiras de "dizer" para capturar um fato da atualidade no momento em que ele é "registrado", e assim que deixarmos o campo das possibilidades, formas de dizer que são representativas do discurso social em um momento da história de uma sociedade e que também se referem aos domínios da memória de curto ou longo prazo, conforme definido no sentido de Foucault (MOIRAND, 2007).

No contexto do trabalho sobre o conceito de atualidade (MOIRAND, 2018) e sobre a maneira de dizer a atualidade na era da internet, dos telefones celulares e dos canais de notícias contínuos, então na maneira de "pensar" *a atualidade*, procurei capturar o momento em que a linguagem verbal permite passar de "um estado virtual para um estado real", para aquilo que é "registrado", "atualizado", como é dito nos dicionários habituais, em um primeiro sentido atribuído à filosofia (no *Petit Robert*, por

⁵ O momento discursivo "designa o surgimento na mídia de uma produção discursiva intensa e diversificada sobre o mesmo fato" que se tornará com o tempo um "acontecimento" presente na memória coletiva de uma sociedade (MOIRAND, 2004, p. 73). Alguns são apenas "instantes discursivos", enquanto certos acontecimentos da mídia tendem a retornar "periodicamente na forma de instantes discursivos mais ou menos intensos" (*ibid.*, p. 74, nota 4).

⁶ A análise do discurso francesa, há muito tempo, utiliza o softwares de lexicometria, mais recentemente de textometria em "grandes corpus". Para um esclarecimento sobre a relevância dos diferentes softwares usados atualmente, podemos consultar uma obra recente que reúne textos de jovens pesquisadores especializados em análise de discurso e na prática e/ou design de software *ad hoc* (NÉE [org.], 2017).

exemplo). Isso que leva a trabalhar com os corpus muito pequenos, aqueles que permitem ir além na interpretação do conceito de atualidade (em 2, abaixo); o que me leva a expor aqui um método de abordar os fatos da atualidade no momento mesmo em que eles surgem no fio da informação da atualidade, quando tentamos conectar os significados das palavras e as construções que as "dizem" (cotextos e palavras associadas) no sentido social de uma crise da sociedade, como a crise dos migrantes na Europa (2015-2016). Essa crise é usada aqui como contexto de referência⁷, constituindo assim um *momento discursivo* que surge no verão de 2015 na mídia, se intensifica até março de 2016 por meio de breves *instantes discursivos* e que continua até hoje esporadicamente: pode-se, com o tempo, construir uma série de pequenos corpus em torno das palavras "migrante" e "refugiado", estudar seus cotextos e, assim, estabelecer o *perfil semântico* que eles têm no contexto em que são encontrados, começando pelas palavras e construções que são associadas a eles, incluindo a inscrição linguageira das emoções, como o medo, que será considerado adiante, por exemplo.

1. Da noção de corpus ao "corpus ao voo" aos "pequenos corpus"

Se, no vocabulário das ciências, o corpus designa uma grande coleção de documentos ou de dados, nas ciências humanas e sociais, houve um tempo em que as "qualidades" do corpus eram privilegiadas, como a homogeneidade, a representatividade e a confiabilidade (na época do estruturalismo nas humanidades e do corpus "fechado"). Porém, como Rastier e Pincemin (2000, p. 101) apontam, em relação aos gêneros discursivos da imprensa, "com o surgimento da digitalização, somos frequentemente confrontados com corpus heterogêneos: por exemplo, os corpus de uma mesma companhia de imprensa [...] ou até mesmo outros que são simplesmente coletados na Web. Portanto, é necessário considerar a criação de perfis dos corpus [...], o que requer o desenvolvimento de ferramentas que permitam trabalhar em subcorpus homogêneos" ... Dessa maneira, normalmente fala-se em "subcorpus" ou "corpus de

⁷ Na análise do discurso, o corpus designa uma coleção composta por unidades discursivas empíricas, coletadas para servir como amostras de linguagem. Elas estão agrupadas em categorias linguageiras, como o gênero do discurso, a situação ou acontecimento de comunicação, o momento discursivo, o campo de atividade, o suporte, os sujeitos do discurso..., ou outras categorias linguageiras locais, tal como a explicação, a polidez, os conselhos, as diferentes formas de discurso que representam as categorias linguísticas de tempo ou espaço, as marcas da pessoa, as diferentes formas de avaliação etc. Distinguimos esse corpus de trabalho de um corpus de referência que agrupa textos e dados relacionados ao contexto histórico e social, no qual o corpus de trabalho está inscrito (MOIRAND, 2016a e b, como exemplos).

trabalho”, uma espécie de recortes operados numa grande coleção preliminar (MOIRAND, 2004). Quanto aos corpus fechados e sua homogeneidade, uma série de trabalhos em análise de discurso questiona qualquer tendência a fechamento, devido à heterogeneidade enunciativa (*discursos representados, interdiscursos*) presente no nível do texto e nos fios discursivos que ela constrói com outros discursos produzidos em outros lugares e anteriormente, o que se manifesta, exemplarmente, pelo "fechamento impossível dos corpus midiáticos" (MOIRAND, 2004).

Porém, desde a expansão da linguística equipada, tendemos a reservar a noção de pequenos corpus para corpus que tratamos "à mão", uma vez que não temos interesse por submetê-los aos softwares de análise, seja porque os dados são heterogêneos demais ou, seja porque eles são quantitativamente insuficientes ou, ainda, porque as contagens de ordem estatística teriam pouco interesse em dados restritos enquanto as formas, as construções, as hesitações semânticas, mesmo (ou porque...) temporárias, constituem contribuições significativas às teorias e trabalhos que tentam articular o *sentido linguístico* e o *sentido social* (VENIARD, 2013, cap. 7).

1.1 O corpus "ao voo"...

É o caso, por exemplo, das expressões languageiras coletadas pelo pesquisador durante as próprias leituras ou viagens pessoais, e o que ele ouve na rua, nos meios de transporte, nas lojas, nas salas de espera, etc., equipado com um caderno e um lápis, um pequeno gravador de som ou o próprio telefone celular para coletar, por exemplo, grafites que, adicionados a cartazes publicitários ou cartazes eleitorais, ajudam a desviar a mensagem original... Essa é uma prática antiga e realizada por todos aqueles que analisam formas de linguagem ou interações verbais, sejam elas palavras do léxico, construções sintáticas, formulações de atos de fala, jogos de palavras, etc.

C. Kerbrat-Orecchioni (1987) integra, assim, na sua pesquisa sobre o elogio, pequenas trocas que ela leu (em Marivaux, Molière, por exemplo) ou ouviu (ao seu redor), e que participam do trabalho de descrição das interações de elogios e a integração da intervenção reativa na descrição:

"Este vestido fica bem em você. Ele te deixa mais magra!"
"Que lindo seu cabelo hoje! - Obrigado pelos outros dias"
"É bonita sua casa - Sim, não é ruim..."

Percebe-se o interesse por esse tipo de corpus "ao voo", especialmente quando se quer comparar as interações verbais de elogios em diferentes línguas e culturas. Eles geralmente permitem coletar formas orais inesperadas que fazem parte das relações sociais de hoje: "Bom crepe!", quando nos despedimos de alguém que vai comer crepe; "bom seminário!", quando nos despedimos de um colega que vai fazer uma apresentação - e não, ou não apenas, "tchau", como ainda dizemos nas coleções de frases para viagem, ou nos métodos do francês ou português para estrangeiros.

Da mesma forma, R. Porquier, procurando descrever o funcionamento do que foi chamado de "as preposições órfãs" e questionar o status (debatido) desse elemento posposto no pronome que ele rege (*ele pulou em mim, eu corri atrás dela, ela anda à minha volta*), construiu um corpus "ao voo", que lhe permite completar os exemplos (muitas vezes literários) encontrados nas gramáticas, porque "essa construção é extremamente usual e produtiva no francês falado e em amostras de francês escrito que reproduzem ou sugerem linguagem falada (diálogos de teatro, de romance, de história em quadrinhos, slogans publicitários, etc.)" (2001, p. 123). Antes de realizar um inventário sistemático das possibilidades e de submetê-las ao julgamento de locutores nativos, o autor constrói o que ele mesmo chama de "um corpus 'ao voo' [...] com base nas ocorrências encontradas diariamente, nos diálogos e nas leituras: estas últimas possibilitaram ampliar (quantitativamente) e refinar (qualitativamente) os inventários iniciais", com, por exemplo, enunciados como: "ele passou entre nós (futebol, entrevista na rádio)"; "e a cada vez isso sobra para mim, não é para ele que sobra"; "então eu tenho os arquivos que vão me incluir na questão" ("ao voo", na rua), etc. (*ibid.*, p. 134).

1.2 Os corpus muito pequenos para “refletir com”

No decorrer do tratamento da atualidade na e pela mídia, somos frequentemente confrontados com "fatos", os quais não se tornarão necessariamente "acontecimentos midiáticos" (no sentido de acontecimento-objeto em que se inicia a comunicação - QUÉRÉ, 2013; MOIRAND, 2015), mas os quais não podemos saber quando aparecem na mídia e/ou na internet, se eles se tornarão... ou não. No entanto, um acontecimento que se tornará “global” também levanta a questão relativa à sua denominação assim que surge, e estamos testemunhando a dificuldade da linguagem verbal em dar-lhe um “nome”: como “dizer” a informação sobre um fato que, de repente, sai do virtual e do

possível (tememos um novo ataque), no exato momento em que ele chega e que se inscreve no real?

Dessa maneira, em 7 de janeiro de 2015, tendo recebido no meu celular a informação sobre o “tiroteio de Charlie Hebdo”, tentei capturar - aleatoriamente, a partir do que ouvi na rua, no transporte público, nos canais de notícias e nas notícias on-line, nas rádios e nas primeiras declarações feitas na mídia, isto é, “ao voo” -, as hesitações no modo de dizer o que havia acontecido.

Se “tiroteio” é uma designação pouco usada, outros “nomes” apareceram no mesmo dia e no dia seguinte:

Fico envergonhado com o termo atentado
não é um atentado, é um assassinato
... uma execução programada
"devemos todo estar aqui enfrentando esse massacre" [Praça da República, na noite do atentado]

E a memória do "precedente" o mais marcante é usado para caracterizar "o novo":

uma espécie de 11 de setembro francês
é o 11 de setembro do pensamento
um 11 de setembro cultural

Como "dizer", na urgência de informar, quando agora praticamos um jornalismo "sentado" que segue o futuro de uma informação (não só nos canais de notícias contínuas, mas também no *le monde.fr*, por exemplo), que recebemos nas telas de nossos computadores e graças aos sites on-line e de telefones celulares? Um "pequeno corpus" construído ao longo das horas torna possível reconstruir esse trabalho da informação, a partir do que lemos e do que visualizamos na tela, por exemplo, no dia seguinte a um atentado recente, mas, desta vez, longe do editorial, o do Mercado de Natal de Berlim, em 19 de dezembro de 2016:

- Na primeira página do jornal on-line Le Monde, 20 de dezembro:
8 h, 54min e 50s: Ataque de Berlim: a polícia menciona um provável atentado terrorista "as cenas de caos" contadas por testemunhas.
Vídeo: na cena do drama, durante o mercado de Natal.
Após o ataque de Berlim, "o horror", na primeira página da imprensa; "Terror" para o jornal *Le Parisien*; "Carnificina", para o jornal *Libération*
- Na primeira página do Monde.fr, 21 de dezembro
Atentado em Berlim: o que sabemos e o que ignoramos.

As respostas às suas perguntas
Etc.

Uma abordagem “etnográfica”, necessariamente baseada em “pequenos corpus”, possibilita concluir essa primeira reflexão sobre o trabalho linguageiro do jornalista, sujeito à tirania do momento, que observamos: o fato é no início “inexplicável”: “Um motorista lançou seu caminhão intencionalmente...” ou mencionado com cautela: “*provável ataque*”; então vídeos, fotos, histórias de testemunhas enviados pelos correspondentes são transmitidos; citamos as palavras de emoção dos títulos da imprensa encontrados entre os colegas na internet: “horror”, “terror”, “carnificina”...; tentamos explicar o que aconteceu e respondemos às perguntas dos leitores no site do jornal. Portanto, a maneira de “dizer a atualidade”, que é feita na urgência de informar, também decorre da quase instantaneidade dos novos meios de comunicação: telefone celular + agências e jornais on-line + internet 2.0 (MOIRAND, 2018).

Outro exemplo de um pequeno corpus que cresceu ao longo dos anos, desde 2012 (sem se tornar um “corpus grande”): aquele construído a partir do topônimo “Lampedusa” (ilha italiana da Sicília), que se tornou não só um exemplo de flexibilidade semântica dos topônimos, mas também um lugar simbólico do drama dos migrantes no Mediterrâneo e que figurou como parte de um trabalho coletivo sobre a construção dos sentidos dos nomes dos acontecimentos (MOIRAND; REBOULTOURÉ, 2015).

De fato, são os cotextos da palavra Lampedusa (as marcas de localização espacial como *em* ou *ao longo de* versus a presença de adjetivos que marcam a emoção dos habitantes: *exaustos* e *zangados*) que, nos títulos da imprensa, tornam possível decidir se a palavra se refere à ilha italiana localizada perto da Sicília ou ao drama dos migrantes que vão para lá arriscando suas vidas, e agora ambos ao mesmo tempo (títulos encontrados no google.fr em 12/08/2015):

A morte atraca **em** Lampedusa

Ao longo de Lampedusa, mais de 130 se afogaram e 250 desapareceram

A Europa **renunciou a outras** Lampedusa

Europa em choque **após os dramas** de Lampedusa

Lampedusa **exausta e zangada**

As palavras-chave “Lampedusa + migrantes” ou “Lampedusa + imigração”, propostas pelo google.fr com a indicação “Imigração Lampedusa 2012” (então, 2013, 2014, 2015...) fornecem um corpus de cotextos imediatos, cujas formas permanecem dependentes do idioma (“*I am a Lampedusa refugee*” / “Eu sou um refugiado de Lampedusa”, 20/04/2015, no jornal britânico *The guardian*). Estamos nos concentrando aqui nos enunciados de sites de mídia, infomedia e blogs políticos franceses:

- Naufrágio em 3 de outubro de 2013 **em Lampedusa** ...uma embarcação que transportava cerca de 500 migrantes africanos ilegais afundou **perto de Lampedusa, ilha italiana perto da Sicília** (legenda das imagens corresponde à Lampedusa).
- Drama dos migrantes: como **os habitantes de Lampedusa** aprenderam a “lidar com” (23/04/2015, rádio *France TV info*).
- Para evitar **novamente Lampedusa**, a África deve formalizar a imigração para a Europa [...] esforços conjuntos bem pensados entre África e Europa certamente ajudarão a impedir as tragédias de Lampedusa (07/06/2015, no site de notícias www.contrepoints.org).
- **Lampedusa, isolada e solidária aos migrantes** (no jornal *Sudoeste*).
- Com os migrantes em Lesbos, **a lampedusa grega** (09-06-2015, na revista *Télérama*).
- Lesbos: **a “Lampedusa grega”** (10/06/2015, na rádio *France-inter*).
- A ilha de Lesbos: **a lampedusa grega** dos refugiados sírios (10/06/2015, no site da rádio rfi; www.rfi.fr)

O *perfil semântico* de “Lampedusa”, topônimo que designa uma ilha, ancorado no espaço do Mediterrâneo (*ao longo de; próximo a, perto de*) e desprovido em francês, como muitas ilhas ou cidades, de predeterminantes (artigos definidos), mostra que o nome pode designar, por metonímia, seus habitantes e suas instituições. Porém “Lampedusa” também designa o estado psicológico dos habitantes (*exausto, solidário*) e sua situação tanto geográfica, quanto política (*isolada, o fracasso da Europa*)... Tememos *novamente Lampedusa*, ou seja, *outras tragédias*, e já não são mais os turistas que “desembarcam” nas ilhas do Mediterrâneo, mas também *os migrantes*. A palavra “Lampedusa” (que nunca perdeu seu referente inicial) é uma boa candidata para se tornar uma qualificadora de outras situações do mesmo tipo; “Lesbos”, por exemplo, com uma hesitação entre “o” e “a”; que deriva do sistema de predeterminantes em francês, tanto quanto dos cotextos em que se originam.

São corpus apreendidos "ao voo" da atualidade política que me colocaram na pista das palavras associadas a "migrantes" ou "refugiados" e, em particular, à maneira pela qual a mídia acabou associando "os medos" e "a identidade". Começou com a campanha das eleições regionais (antes dos atentados em Paris em 13/11/2015): durante as manhãs, nos canais de notícias contínuas (*BFMTV*), falava-se sobre "o medo do mistura social" (sobre as faculdades no gueto), "o medo de incidentes" (entre migrantes em Calais), o medo dos migrantes "portadores de doenças" (um candidato tendo então alegado a necessidade de "erradicar toda a imigração bacteriana"). Isso foi esclarecido durante a campanha eleitoral regional após 13/11: Juppe falou de "identidade feliz", Sarkozy o respondeu em uma reunião (em 25/11/2015) que "não há identidade feliz em uma sociedade multicultural", que leva o colunista do programa matinal da *France-Inter* a falar em "ansiedade identitária". Esse pequeno corpus, "ao voo" e "exploratório", incentivou-me a buscar "instantes discursivos" que constituem o tratamento da crise migratória na imprensa diária francesa (de setembro de 2015 a setembro de 2016)⁸.

2 Alguns "instantes discursivos" ao longo do tempo de um acontecimento

O trabalho aqui relatado sobre as palavras associadas a "migrantes" e "refugiados" na atualidade midiática se inscreve em projetos de semântica discursiva, no sentido de que pretendemos trabalhar sobre a estabilidade/instabilidade do sentido no discurso (LONGHI org., 2015) e sob a perspectiva de uma análise do discurso baseada no funcionamento das palavras e das construções em seus cotextos de surgimento e em seus contextos de produção (LECOLLE; VENIARD; GUÉRIN, 2018). Se essa perspectiva faz parte da história da análise do discurso francês (GUILHAUMOU *et al.*, 1998; MAZIÈRE, 2016), ela também empresta da escola contextualista inglesa (HOEY, SINCLAIR, por exemplo), bem como os a semânticos pós-estruturalistas, que “não tem mais medo do real” (SIBLOT) e que consideram a atividade de linguagem como uma maneira de “apreender” o mundo, por meio das relações entre os locutores e seu ambiente (MOIRAND, 2016a, 2016b).

Trata-se da crise dos migrantes na Europa; de trazer à luz “o perfil semântico” das palavras *migrante* e *refugiado*, uma vez que é “construído” em um contexto

⁸ Objetivo diferente dos trabalhos realizados no âmbito de um projeto quadrilíngue "Sociedades plurais" da Sorbonne Paris Cité, que está baseado em grandes corpus de dados e no uso de software de análise (consultar, por exemplo, Schröter e Veniard, 2016).

particular, aquele da imprensa cotidiana francesa, com base em pequenos corpus correspondentes a instantes discursivos particulares:

- observando os cotextos (sintáticos, semânticos, enunciativos, semióticos) de *migrante* e *refugiado*; na imprensa cotidiana nacional na França;
- levando em conta os cotextos contíguos, mas também das palavras associadas em cotextos mais ou menos “distantes” (na frase ou no parágrafo, em títulos, em subtítulos, legendas, e textos, entre os textos e a legenda das fotos, fotos ou ilustrações da imprensa);
- relacionando-os finalmente aos contextos do discurso e apelando ao trabalho das ciências humanas e sociais (que não discutiremos aqui), depois de ter acumulado os dados de diferentes pequenos corpus durante as etapas do acontecimento “crise dos migrantes na União Europeia”, tratando os textos informativos de maneira diferente (os que são levados em consideração aqui) e os textos de análise ou de comentários nos quais os pesquisadores das ciências humanas frequentemente intervêm.

2.1 O "lugar" sintático-semântico do "migrante" de novembro a março de 2015

O verão e o outono de 2015 marcaram uma intensificação na chegada de migrantes e/ou refugiados, o que se reflete na mídia francesa em fotos e imagens televisionadas de homens, às vezes acompanhados de mulheres e crianças, às vezes velados, agrupados na fronteira de um país da União Europeia ou andando em blocos mais ou menos compactos para viajar em direção a um país do norte, bem como nas formas de designá-los, usando expressões de quantidade ou de metáforas "marinhas" (*onda migratória*) e "atribuindo-lhes um lugar" na enunciação.

Isso foi observado, ao longo dos dias, na imprensa diária francesa (*La Croix*, *Le Monde*, *Libération*, *Le Parisien*, aos quais adicionamos o *le Journal du Dimanche*), incluindo, algumas vezes, em palavras relatadas:

As autoridades lamentam a falta de meios... diante **do fluxo de** refugiados

[o porto de Lakki], onde **estão concentradas dezenas de** refugiados

os barcos continuam a desembarcar **milhares de** refugiados

as **multidões ininterruptas de dezenas de milhares de** migrantes

as **ondas** de refugiados

"**Um tsunami humano** lembra Lucia, uma jovem voluntária loira

Essas imagens são repetidas nos discursos de Marine le Pen que, durante as eleições presidenciais de 2017, na França, falou em “submersão migratória” e dos “três I: Insegurança, Imigração, Islã” (reunião de 19/04), ilustrando, assim, os efeitos da estigmatização das associações discursivas.

Como os fatos atuais marcaram uma virada nas representações de migrantes e refugiados, a partir dos atentados de Paris em 13/11/2015, que se refletiu nos discursos pelas associações “migrantes” e “refugiados” + “insegurança”, “islã” e “terrorismo”:

Os ataques terroristas e a onda de refugiados estão pressionando os países da União Europeia a fecharem suas fronteiras.

Após os atentados de Paris, o endurecimento da Europa **na questão dos refugiados** era previsível. Agora ela é tangível, uma vez que foi revelado que dois dos homens-bomba seguiram a “rota dos Balcãs”, e se **afogaram na massa de refugiados**.

Porém, a distinção que é feita entre “migrante” e “refugiado”⁹ é sentida de fato como “uma desigualdade”: como compreender que alguém seja “reprimido” quando outros obtêm o status de requerente de asilo, o que é demarcado “sintaticamente” nos enunciados em que o migrante ou refugiado se tornam “o objeto” (o papel ocasional do objeto na gramática dos casos de Fillmore), sobre o qual ocorre a ação dos “agentes” responsáveis por aplicar as decisões de cada país da UE:

Os migrantes da África e do Paquistão **são recusados** nas fronteiras

Eslovênia, Sérvia, Croácia e Macedônia **recusam** migrantes de países que deveriam ser “seguros”. [...] aqueles que não vêm da Síria ou do Afeganistão [país em guerra]

A Suécia corta as relações com requerentes de asilo, **recusando a entrada** de refugiados sem documentos.

Como se trata de “conter o fluxo”, os migrantes são tratados de acordo com os momentos, segundo os países, de maneiras diferentes, mas sempre na posição de objeto do verbo: *bloqueados, presos, filtrados, colocados em retenção, repelidos, rejeitados*,

⁹ Um migrante que vem de um país onde reina uma fome endêmica pode ser reenviado ao seu país de origem porque ele não pode reivindicar o status de “requerente de asilo”, que apenas diz respeito a migrantes vindos de um país em guerra (por exemplo, Síria, Iraque ou Afeganistão); uma família que chega da Síria, tendo fugido sob as bombas que destruíram completamente sua casa, engolindo “seus documentos” de identidade, pode ser recusada em certas fronteiras porque não os possui (daí um tráfico de passaportes falsos).

recusados, reenviados, classificados e, finalmente, *trocados* após o acordo concluído entre a Alemanha e a Turquia no início de março em Bruxelas (consultar MOIRAND, 2016a).

Esse primeiro corpus em torno das palavras “migrantes” e “refugiados”, a partir de pesquisas realizadas entre novembro de 2015 (após 13/11) e março de 2016, também deu origem a outros pequenos corpus correspondentes aos instantes discursivos breves, que não eram independentes dos ataques de 2015 em Paris, por um lado, com a chegada de refugiados/migrantes/requerentes de asilo na Europa, por outro lado, e as combinações operadas nos “discursos representados” (no sentido empregado em Fairclough 2013, por exemplo) entre *migrante e islã, refugiado/migrante e terrorismo*.

2.2 Os dias 25 e 26 de dezembro de 2015 em Ajácio, na Córsega, e as marcas de identidade

Um primeiro relato é apresentado no *le Journal du Dimanche* (27/12/2015):

Desde a noite de 24 de dezembro, este bairro popular [...] está sob tensão. Durante o dia, os moradores alertaram a prefeitura que 400 palhetes e pneus foram acumulados na cidade. À noite, os bombeiros interviram para apagar um incêndio em frente [... a uma] vintena de pessoas de capuz e armadas com pedras e barras de ferro. [...] Dois bombeiros e um policial estão feridos.

Sexta-feira, à margem de uma manifestação em apoio aos bombeiros, 600 pessoas "sobem" para a cidade para uma expedição punitiva contra os autores da agressão. [...] Um pequeno grupo desce novamente em seguida para uma sala de oração muçulmana localizada a 900 m [...] para saquear e jogar alcorões no chão antes de tentar incendiá-los. Um restaurante de kebabs nas proximidades é saqueado.

As autoridades entrevistadas pelo jornal (o vice-prefeito, o prefeito, o responsável pelo culto muçulmano) falam da combinação que foi feita, em particular desde os ataques de 13/11/2015 em Paris, entre o ataque e o Islã, enquanto na cidade, “a população de origem imigrante” é “estimada em 52%”: “Depois de 13 de novembro, houve apenas uma fâisca”, resume o prefeito, que aponta para os pequenos grupos da extrema direita que promovem a tensão nas redes sociais e que transmitem slogans, cantados por certos manifestantes:

“fora, árabes”/ “os árabes, fora”

“Aqui, estamos em nossa casa!”

aos que os jovens deste bairro respondem:

“saíam daí, corsos sujos”

“saíam do bairro”...

A imprensa diária nacional (*Libération* de 28/12; *Le Parisien* de 29/12) analisa brevemente esse acontecimento (dados que constituem um pequeno corpus de aproximadamente 6.000 palavras) e continua a questionar as autoridades administrativas, os líderes religiosos e um sociólogo, autor de uma tese sobre o racismo na Córsega... Se a manifestação contra a agressão dos bombeiros é explicada desde o início pelo fato de que os bombeiros são muito respeitados na Córsega, outros sugerem, com meias palavras, uma recuperação pelos grupos de extrema direita, o que sugere o slogan “estamos em nossa casa” e sua difusão nas redes sociais, antes de ser introduzida na manifestação de apoio aos bombeiros. Ao contrário de uma explicação que parece interpretá-la como “não queremos isso em casa” (ou seja, ataques, tumultos nos subúrbios), esse é de fato um slogan presente em todas as reuniões da Frente Nacional, inclusive nas reuniões de Marine le Pen durante a Presidência de 2017.

Portanto, não é apenas um slogan da campanha presidencial, é também um grito de guerra, uma marca da “identidade da FN”, que o diretor belga Lucas Delvaux compreendeu bem e reconstituiu em seu filme *Chez nous*, quando filma as reuniões de um partido de extrema direita no norte da França¹⁰. É um sinal de reconhecimento entre os apoiadores da Frente Nacional, também chamados de “frentistas”, espaço que é um dos pilares da marcação identitária: *deles/eles versus no país deles versus na nossa casa, aqui*. E foi o que já aconteceu em Ajácio em 25/12/2015.

2.3 A noite de 31/12/2015 em Colônia e as formas de atribuição de identidade (de 6 a 24 de janeiro de 2016)

Este é um breve acontecimento, que ocorreu na noite de 31 de dezembro em Colônia, na Alemanha:

ESCÂNDALO. Dezenas de mulheres dizem ter sido agredidas na véspera de Ano Novo em Colônia por vários grupos de homens organizados. **Os refugiados** são apontados.

¹⁰ “EM CASA [...] Drama, de Lucas Delvaux. No norte da França, uma mãe solteira, enfermeira dedicada, deixa-se convencer a concorrer a prefeita em nome de um partido de extrema direita” (*L’Officiel des spectacles*, n° 3672, 2017).

[*Le Parisien*, 06/01]

Escândalo. Após as agressões sexuais, na noite de véspera de Ano Novo em Colônia, atribuídas **aos homens apresentados como 'os magrebinos'**, o debate sobre **os refugiados** se agrava. [*Libération*, 07/01]

Os jornais franceses relatam os depoimentos coletados (pela polícia, pelas autoridades, pelas testemunhas diretas daquela noite, pelos correspondentes da imprensa, pelas mídias alemãs) junto às mulheres atacadas perto da estação de trem em Colônia. As formas de designação dos agressores, encontradas em todos os jornais diários da imprensa nacional, correspondem a uma forma de atribuição de identidade frequente na imprensa francesa (DEVRIENDT, 2012):

Determinante + Nome + de origem/ da aparência/ do tipo + X

ainda que aqui o condicional seja usado às vezes, bem como as aspas, quando se trata de palavras relatadas em *Le Parisien*, *Libération*, *Le Monde*, *Le Journal du Dimanche*, de 6 a 11 de janeiro:

Milhares de homens de 15 a 35 anos de idade, "fortemente alcoolizados" e "provenientes do mundo árabe e do norte da África"

agressões sexuais cometidas **por jovens de aparência magrebina**

[ela se viu] "cercada por **três jovens homens de aparência do Oriente Médio**"

Os agressores, de 15 a 35 anos e de aparência do magrebina de acordo com as vítimas

"[...] os agressores estavam entre este grupo de **milhares de jovens de aparência estrangeira**".

um lugar lotado, onde milhares de pessoas, a maioria **homens "provenientes da imigração"**, muito alcoolizados, estão reunidos [relatório policial]

As vítimas, as testemunhas e os vídeos não deixam dúvidas: a multidão é composta por **jovens homens do tipo árabe ou do norte da África**

Todos descreveram terem sido "cercados por **pequenos grupos de homens de aparência árabe ou do magrebina**"

O *Libération* intitula, no entanto, nos dias 23 a 24 de janeiro (três semanas após a noite: portanto não se trata mais de atualidade):

Agressão em Colônia EM CONTRAPARTIDA

[...] As suspeitas são direcionadas para um bairro de Düsseldorf, de onde vêm **as gangues criminosas de origem imigrante**

os olhares convergem para um bairro de Düsseldorf, onde atuam **os imigrantes do norte da África** apartados da **sociedade alemã e organizados em gangues violentas**

Mas isso não apaga as combinações que foram feitas anteriormente (que revelam a busca por palavras “associadas” nos artigos anteriores) e que permanecem na memória:

Os refugiados são apontados [06/01]

O caso é politicamente sensível porque intervém no contexto muito tenso da **"crise dos migrantes", da qual se aproveitam os movimentos populistas**.

Segundo os testemunhos de policiais, **os requerentes de asilo estavam envolvidos nas agressões...** (07/01).

O que se observa nesse uso das formas linguísticas da atribuição de identidade quando está ligada aos fatos da atualidade que ocorrem na França, e não na Alemanha, é que elas também parecem frequentes para designar os franceses cujos pais eram de ex-colônias francesas, em particular dos países do Magrebe: contata-se isso nos instantes discursivos, que não estão relacionados a refugiados e/ou migrantes recém-chegados, mas que dizem respeito aos filhos ou netos dos imigrantes chamados de “segunda geração” ou mesmo “terceira geração” (o que geralmente não é dito ou não do mesmo modo para os franceses de origem europeia: Espanha, Itália, Polônia, por exemplo). É dessa maneira que o treinador do time de futebol francês declarou para o jornal *L’Euro*, de junho de 2016 em Paris, que “teria cedido à pressão de uma parte racista da França”, quando não selecionou Karim Benzema, jogador de futebol internacional “de origem argelina” (*Le Monde*, 02 e 03/06/2016, *Le Journal du Dimanche*, 05/06/2016). É o que ainda lemos quando surge uma briga numa praia da Córsega, os jovens de um vilarejo vizinho de “três famílias de origem magrebina” (*Libération*, 15/08/2016) e “de uma família de origem marroquina”; uma “ imigração que remonta à década de 1960...”, especifica em seguida o *Libération* (19/08), durante esse incidente que se inscreve numa polémica sobre o uso de burkini nas praias da França, roupas de banho usadas por “mulheres de origem muçulmana” que “me assustam quando vou à praia”, diz uma testemunha entrevistada em um canal contínuo de notícias.

Podemos então ver o interesse de coletar um “grande corpus” em torno dessas formas de atribuição de identidade, que permitiria analisar mais de perto as combinações que são feitas na França entre muçulmanos, árabes, magrebinos, islâmicos ou, mesmo, delinquentes ou terroristas, e sobre os quais o discurso de identidade surge, enquanto os magrebinos não são todos árabes, nem todos são muçulmanos, e que os muçulmanos não são todos terroristas...¹¹. No entanto, com essas imbricações, também encontramos inscrito, no fio do texto, “o medo do outro”.

2.4 A inscrição linguística do medo nos discursos da mídia

Pegamos aqui os três “pequenos corpus” anteriores, enquanto procuramos as formas de inscrição linguística o medo “do outro”, o que constitui um outro “pequeno corpus”. Nós focamos, portanto, nos elementos presentes nos segmentos de discursos relatados entre aspas ou no entorno imediato das falas “representadas” (inscrites entre aspas e/ou traduzidas para o francês), bem como em determinados títulos ou legendas de fotos.

Como diz C. Masseron, que analisa os nomes do medo nos títulos da imprensa e o uso que fazemos deles para caracterizar um acontecimento (2012: 179), “no campo das emoções, o medo é um caso pouco particular, se considerarmos a produtividade lexical que caracteriza o nome genérico medo, seus ‘sinônimos’ e os derivados que a ele são associados”, ou seja, nos pequenos corpus analisados aqui: ansiedade, medo, pavor, terror, pânico e assustar, entrar em pânico, aterrorizar (ou ser assustado...), etc.. Porém, se o dicionário define medo como “um fenômeno psicológico de caráter afetivo marcado, que acompanha a percepção de um perigo real ou imaginário” (*Le Petit Robert*, 2012), a análise semântica distingue, além da dupla orientação de predicados (assustar versus ter medo), os papéis semânticos do suporte (quem sente a emoção?), do estímulo (quem/o que é a causa da emoção?), o conteúdo (com quem/o que a matriz ativa uma emoção?). No entanto, nos pequenos corpus estudados anteriormente, é sempre “o outro”, a identidade do outro, que “assusta”.

¹¹ Consultar a entrada **muslim maghrébin arabe** do "Lexique" proposta por Louis-Jean Calvet, sociolinguista, no *Télérama horizons* n° 4, abril de 2011, p. 16, número intitulado "Estrangeiros, uma obsessão europeia".

No jornal francês *La Croix* (07/12/2015), a posição das autoridades na Hungria é justificada pelos “medos” que os habitantes sentiriam e pelo que está acontecendo na França:

Desde que chegou ao poder, o primeiro-ministro atuou com habilidade na **identidade cristã** do país [...] e não hesita em se aproveitar das **ansiedades hereditárias** [...]

Quanto às notícias da Europa Ocidental [...], ela é usada para servir a um discurso protecionista...

"Na França, **eles queimam os carros e ferem os jornalistas**", podemos ouvir.

Nos corpus estudados em 2.2., são as autoridades ou testemunhas autorizadas que evocam “o medo do outro”:

...o **bairro assusta** uma parte da população, determinada a "não deixar o problema dos subúrbios instalar-se na Córsega".

" As mulheres encobertas da cabeça aos pés, homens em djellaba, isso alimenta o sentimento difuso da divisão da sociedade e **gera uma ansiedade**", testemunha uma ex-professora...

No corpus estudado em 2.3., são mulheres agredidas que dizem “ter medo”, mas esse medo é recuperado politicamente para “assustar”:

Anna, 27 anos, **tem medo**: "O local estava cheio, quase apenas homens, algumas mulheres **aterrorizadas**, que todos estavam observando

Uma mulher de 60 anos diz ter "**entrado em pânico**", quando se viu "cercada por homens muito jovens de aparência do Oriente Médio"... **Diante do medo**, ela não percebeu o desaparecimento de sua carteira.

Perto da estação, **1.700 manifestantes de extrema direita**, incluindo várias centenas de arruaceiros conhecidos pela polícia, **tentam neste sábado recuperar a agitação**. Eles vieram para protestar **contra a política de portas abertas para os refugiados sírios** decretada por Angela Merkel... [11/01]

Mas é nos excertos citados (e traduzidos...) de testemunhos de migrantes e dos habitantes dos países onde eles chegaram que encontramos inscrito o medo do outro:

• Calais. Do nosso correspondente especial [após 13/11/2015]
"Não é possível, é um pesadelo. **Ninguém na Europa vai nos querer mais**", reage com preocupação este curdo da sírio de 29 anos com [...] Porém, no centro da cidade, Nicole, 77 anos, **não esconde sua ansiedade**. [...] **Eu já tinha medo de ir ao supermercado, então agora...** [*Le Parisien* 17/11/2015]

- História de um enviado especial: uma família síria encontrada na Áustria, onde solicitou asilo [excertos].
- "Não falamos suficientemente bem alemão", diz Amal. **E então, de qualquer maneira, eles não gostam de nós** " [Amal é um dos três filhos; ele explica por que eles brincam entre si].
- Um grupo de moradores do vilarejo discute sobre essas mulheres com véu cujos números aumentaram nos últimos meses em suas terras. "Eu, **toda vez que vejo uma, vejo como provocação, irrita-se** Gerhard, um assistente de laboratório aposentado de 57 anos [...]
- Hane [um pai de família sírio] foi um dos 200 refugiados que foram prestar apoio em Paris em frente à Embaixada da França em Viena, após os ataques de 13 de novembro, mas **teme** que esses ataques mudem tudo para eles. **"A imagem do árabe causa medo agora", diz ele preocupado.**
[Le Monde, 10 e 11/01/2016]

Em março de 2016, os migrantes continuam chegando à Europa, mas a entrada nos países da UE se torna cada vez mais difícil, especialmente no período das eleições:

Na Saxônia, antiga RDA, **os ataques contra migrantes** estão aumentando.

Um ódio alimentado pelos partidos populistas e de extrema-direita na véspera das eleições regionais de 13 de março.

Na semana passada, Lena Aba Zid e suas duas irmãs não saíram sozinhas do seu pequeno apartamento. **"Temos muito medo, queremos sair daqui o mais rápido possível"**, disse esta síria de 42 anos. Em sua chegada a Clausnitz, um pequeno vilarejo alemão perdido nos Montes Metalíferos, na fronteira com a República Tcheca, em 18 de fevereiro, Lena e uma dúzia de outros refugiados foram **recebidos por uma centena de moradores gritando sua oposição na frente do ônibus.**

[Le Monde 08/03/2016]

Os gestos de acolhimento de refugiados (existem alguns) se opõem, portanto, às várias formas de rejeição do outro. É o caso de signos de vestuário, como portar o véu, mas também o djellaba: seja porque um o usamos e não queremos renunciar à identidade, seja porque o outro usa e não o apoiamos; rejeição da religião do outro, rejeição de outro modo de vida, que se manifesta por meio da inscrição linguística do “medo” de ambos os lados: *o medo de perder a identidade*, mas também o medo de ser socialmente “rebaixado” e/ou de “viver pior do que antes” (MOIRAND, 2016a). São “medos” retrospectivos (a memória de acontecimentos, imagens de televisão, fotos), mas também prospectivos (por exemplo, medo de eventos futuros), que são expressam então os instantes discursivos frequentemente breves, mas que, com o tempo, têm um efeito cumulativo.

É disso que lucram os partidos populistas na Europa, que transformam os medos “que sentimos” (ter medo) em medos “vindouros, que receamos”; e “que temos medo”

(temer), em particular quando a explicação e a argumentação desaparecem em favor de um uso estratégico da emoção nas formas de dizer a atualidade.

Elementos de conclusão

Trabalhar em pequenos corpus permite identificar as formas linguageiras que não são necessariamente “frequentes”, no sentido estatístico do termo, mas formas “emergentes” reveladoras do tempo presente e que, portanto, fazem parte de um “arsenal argumentativo” (ANGENOT) em um momento preciso da história de uma sociedade, um arsenal portador ele mesmo da História dessa sociedade. Portanto, não é a frequência das formulações e das associações nos discursos institucionais, midiáticos e políticos que conta, mas o estado de uma sociedade em mudança, o qual elas refletem, e as relações com a história que elas revelam: por exemplo, na França, a importância da migração e da imigração nas representações do outro que são empilhadas desde o início da colonização, depois do início da descolonização (consultar STORA org., 2017). A frequência de certas formas de linguagem na mídia não corresponde de maneira alguma à quantidade de *exposição discursiva* dos cidadãos comuns, que não estão 24 horas por dia ouvindo os canais de notícias on-line ou em sites e redes sociais na internet: todos estão “expostos”, digam o que disserem, a apenas uma pequena fração dos discursos transmitidos pela mídia tradicional e pela mídia on-line, e não a todos os discursos produzidos sobre migrantes. Por sua vez, é mais provável que um fato concentrado em um período pequeno seja “capturado” continuamente e na íntegra.

Esses “pequenos corpus” construídos em torno de formas linguageiras específicas tornam possível “marcar data” na história, (no sentido que os historiadores dão ao presente – BOUCHERON; RIBOULET, 2015, HARTOG, 2016), a partir dos modos de nomear os atores ou os atos, de entender as relações entre os atores, bem como a inscrição linguística das emoções durante o estudo de cotextos e das palavras ou construções associadas, aqui identificados sem “ferramentas” informáticas. Eles podem ser etapas para a constituição de grandes corpus, que são então submetidos a softwares *ad hoc*, ou mesmo a hipóteses de trabalho para comparar em vários idiomas ou culturas¹². Descobrir outras formas de dizer - e, assim, constituir uma “memória” desses

¹² Pode-se perguntar, em relação a certas formulações, sobre seu caráter "rotineiro" na redação da imprensa (por exemplo, as formas de atribuição de identidade) ou mesmo seu potencial para constituir "motivos" e, nesse caso, os “grandes corpus” seriam necessários (LEGALLOIS, 2012; NÉE, SITRI,

instantes discursivos - faz parte da construção das memórias coletivas, e isso possibilita explicar uma sociedade por meio dos acontecimentos pelos quais ela atravessa e seu impacto a longo prazo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baider F. et Cislaru G. (éd.) (2014). *Linguistic Approaches to Emotions in Context*. Amsterdam : John Benjamins Publishing Company.

Boucheron P. et Riboulet M. (2015). *Prendre dates. Paris, 6 janvier-14 janvier 2015*. Paris : Éditions Verdier.

Devriendt É. (2012a). « “Diversité” et consensus dans le discours social sur l’“identité nationale”. Analyse dans la presse quotidienne française (2007-2010) », *Le discours et la langue*, Le discours politique identitaire, t. 3 : 159-174.

Devriendt É. (2012b). « Désignation des “minorités” et assignation identitaire dans le discours de la presse française (2007-2010) : étude de [Dét N d’origine X] », *Congrès mondial de linguistique française, CMLF 2012*. En ligne. DOI : 10.1051/shsconf/20120100270

Fairclough N. (2003). *Analysing discourse : Textual analysis for social research*. London : Routledge.

Garric N. et Longhi J. (éd.) (2012). « L’analyse de corpus face à l’hétérogénéité des données », *Langages* 187.

Guilhaumou J., Maldidier D. et Robin R. (1994). *Discours et archive. Expérimentation en analyse du discours*. Liège : Mardaga.

Hartog F. (2012). *Régimes d’historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris : Seuil.

Hoey M. (2007). « Lexical priming and literary creativity », in Hoey, Mahlberg, Stubbs et Teubert (éd.) *Text, Discourse and Corpus, Theory and Analysis*. London : Continuum, 7-29.

Kerbrat-Orecchioni C. (1987), « La description des échanges en analyse conversationnelle : l’exemple du compliment », *DRLAV, revue de linguistique* 36-37, 1-53. DOI : 10.3406/drlav.1987.1054

Lecolle M., Veniard M. et Guérin O. (dir.) (2018). « Vers une sémantique discursive : propositions théoriques et méthodologiques », *Langages* 210.

VENIARD, 2014). Isso que não consideramos aqui, porque se trata de outra perspectiva, muito menos produtiva numericamente, quando se tende a aproveitar "o instante" em que um fato "encenado" e entra na atualidade.

Legallois D. (2012). « La colligation : autre nom de la collocation grammaticale ou autre logique de la relation mutuelle entre syntaxe et sémantique ? », *Corpus* 11, La cooccurrence : du fait statistique au fait textuel, 31-54.

Longhi J. (éd.) (2015). « Stabilité et instabilité de la production du sens : la nomination en discours », *Langue française* 188.

Masseron C. (2012 [2013]). « Les noms de peur dans la presse (titres et dossiers) », in Micheli R., Hekmat I. et Rabatel A. (éd.) 'Les émotions argumentées dans les médias', *Le discours et la langue* 4.1 : 179-202.

Mazière F. (2016, réédition). *L'analyse du discours*. Paris : PUF.

Moirand S. (2004). « L'impossible clôture des corpus médiatiques. La mise au jour des observables entre catégorisation et contextualisation », *Tranel* 44, 71-92. En ligne sur rero.ch.

Moirand S. (2007). *Les discours de la presse quotidienne. Observer, analyser, comprendre*. Paris : PUF.

Moirand S. (2015). « L'événement saisi par la langue et la communication », *Cahiers de praxématique* 63/2014, mis en ligne en janvier 2016. En ligne sur revues.org.

Moirand S. (2016a). « De l'inégalité objectivée à l'inégalité ressentie et aux peurs qu'elle suscite : les réfugiés pris au piège de l'identité », *Revista Estudos LINGuísticos*, vol. 26, n° 3, UFMG, Brésil. En ligne sur scielo.br, sur ufmg.br et archives-ouvertes.fr.

Moirand S. (2016b). « Thalassothérapie, thermalisme et bien-être : du profil sémantique du mot bien-être aux portraits discursifs des publics », in R. Pederzoli, L. Reggiani et L. Santone (dir.) *Médias et bien-être. Discours et représentations*. Bologne : Bononia University Press, 51-75. Sur archives-ouvertes.fr.

Moirand S. (2018). « Dire l'actualité aujourd'hui : éléments pour un parcours transdisciplinaire dans l'analyse du discours des médias », Conférence de clôture du colloque « Les médias et l'Amérique latine », Strasbourg, 18-20 janvier 2017, à paraître dans les Actes.

Moirand S. et Reboul-Toure S. (2015). « Nommer les événements à l'épreuve des mots et de la construction du discours », *Langue française* 188, 105-120. DOI : 10.3917/lf.188.0105

Née É. (dir.) (2017) : *Méthodes et outils informatiques pour l'analyse du discours*. Rennes : Presses universitaires de Rennes.

Née É. et Veniard M. (2012). « Analyse du discours à entrée lexicale (ADEL) : le renouveau par la sémantique ? », *Langage & Société* 140, 15-28.

Née É, Sitri F. et Veniard M. (2014). « Pour une approche des routines professionnelles dans les écrits professionnels », *Congrès mondial de linguistique française – CMLF 2014*. En ligne sur : <http://www.shs-conferences.org>.

Paveau M.-A. (2012). « Ce que disent les objets. Sens, affordance, cognition », *Synergies, Pays Riverains de la Baltique*. En ligne sur archives-ouvertes.fr.

Porquier R. (2001). « ‘il m’a sauté dessus’, ‘je lui ai couru après’ : un cas de postposition en français », *French Language Studies* 11, 123-134. DOI : 10.1017/S0959269501000163

Quéré L. (2013). « Les formes de l'événement », *Mediazioni* 15, Les facettes de l'événement. Des formes aux signes, Bologne. En ligne sur : <http://mediazioni.sitlec.unibo.it>.

Rastier F. et Pincemin B. (2000). « Des genres à l'intertexte », *Cahiers de praxématique* 33, 'Sémantique de l'intertexte', 83-111. DOI : 10.4000/praxematique.1974

Réseaux n° 170 (2011). *Penser les usages de l'actualité*.

Schröter M. et Veniard M. (2016). « Intégration and Integration in French and German discourses about migration », *International Journal of Language and Culture* 3-1 : 1-33.

Sinclair J. et Carter R. (éd.) (2004). *Trust the Text. Language, Corpus and Discourse*. London / New York : Routledge.

Stora B. (dir.) (2017). *La recherche sur les migrations et l'immigration. Un état des lieux*. Paris, Musée national de l'immigration. En ligne sur le site du Musée, téléchargeable.

Veniard M. (2013). *La nomination des événements dans la presse. Essai de sémantique discursive*. Besançon : Presses universitaires de Franche-Comté.

Como referenciar este artigo:

MOIRAND, Sophie. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradutores Fernando Curtti Gibin & Julia Lourenço Costa. revista **Linguasagem**, São Carlos, v.36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41.

Para citar esse artigo no original em francês Referência eletrônica:

Sophie Moirand. *L'apport de petits corpus à la compréhension des faits d'actualité; Corpus* [On-line], 18 | 2018, publicado online em 09 de julho 2018, consultado de 09 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/corpus/3519> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/corpus.3519>